

BLAISE PASCAL - † 1662

No dia 19 de agosto, há 300 anos faleceu em Paris BLAISE PASCAL, uma das maiores figuras da humanidade, sobressaindo tanto na esfera da ciência como da Igreja, no campo da razão como da fé.

Nos séculos que se seguiram foi venerado fervorosamente ao tempo que apaixonadamente atacado. Mas a admiração nunca lhe foi negada. Seu adversário do século seguinte, Voltaire, que em seu escárnio a poucos poupou, escreve sobre Pascal: «É o único que permaneceu, pois era um gênio. É só ele que fica de pé nas ruínas de seu século.»

Pascal pertence aos que fazem transbordar com obras de uma grandeza insuperável e duradoura a taça pouco profunda de uma vida, que mal tendo começado, logo foi tragada pela morte. Essa vida lamentavelmente curta, que durou apenas 39 anos, é impossível contemplar sem que sua profunda tragicidade sempre de novo nos comova. Não só lhe foi negado o tempo integral da vida para a realização dessa gigantesca obra, mas, além disso, sua vida fragmentária foi duramente açoitada por doenças sucessivas. Pascal mesmo afirma que desde os 18 anos não conheceu um só dia sem dores torturantes. Para cada movimento quando de suas descobertas e experiências, para cada página de seus manuscritos, para cada conferência diante de seus irmãos na fé, tinha que superar literalmente um corpo fraco e flagelado pelas dores.

Mas nessa vida estigmatizada pela angústia e pela morte fulge a luz da grande alegria, quando numa noite memorável de novembro de 1654 lhe apareceu pessoalmente o Deus de Jesus Cristo, que doravante permaneceria ao seu lado em meio a toda angústia. «Alegria, alegria, alegria, lágrimas de alegria» exclamou nessa noite. Ainda palpitante ante ao que sentira, descreve o acontecido num papel, que daí por diante trará sempre consigo. E acrescenta a súplica fervorosa: «Oxalá nunca esteja separado d'Ele.»

A partir dessa noite entrega, sem reservas, ao serviço de Deus tudo o que possui, seus bens e seu talento. Vende todas as suas propriedades, até a sua biblioteca da qual guarda apenas a Bíblia e as apreciadas obras de Agostinho. Ampara os pobres e doentes. Ainda na hora da morte implora a sua irmã que acolha um doente em sua casa. Deseja morrer na comunhão dos pobres.

Torna-se, sobretudo, a partir daquela memorável noite, o pregador e defensor do Evangelho, cujas palavras, ainda hoje ouvidas, não perderam sua eficácia.

Sua morte é amarga e dura, antecedida por quatro anos cheios de terríveis sofrimentos. Anos sobre os quais segundo declara a sua irmã: foram mais um constante estar morrendo do que viver. A ignorância profissional dos médicos e a rigorista estreitez religiosa de seus parentes tornaram ainda mais dolorosa a sua agonia. Mas o Deus daquela noite de novembro não o abandona na hora de sua morte. Nela resplandecem suas últimas palavras: «Que Deus nunca me abandone».

Harding Meyer